



ECONOMIA GLOBALIZADA TEM FUTURO INCERTO

Previsões de institutos econômicos conflitam e mudam com rapidez nunca antes vista

GLOBALIZED ECONOMY FACES UNCERTAIN FUTURE

Forecasts made by economic institutes disagree and change at a pace never seen before

A julgar pelas projeções das principais instituições financeiras internacionais, os analistas que tomam por base os indicadores econômicos para estimar o comportamento futuro da economia mundial ainda não acertaram a mão. Uma a uma, as estimativas de órgãos como o tradicional Fundo Monetário Internacional (FMI) – czar da velha ordem financeira mundial – Bancos Mundial (Bird) e Interamericano de Desenvolvimento (IDB) e demais instituições são substituídas por outras que, invariavelmente, reveem os números relacionados à produção industrial, investimentos, nível de emprego e expectativas da população quanto ao futuro.

Um simples olhar sobre o noticiário econômico dos meses mais recentes indica a discrepância existente entre os diversos cenários que se formam no horizonte. Quando a crise irrompeu no sistema financeiro americano e o presidente Luís Inácio Lula da Silva usou a expressão “marolinha” – para definir os efeitos que ela provocaria na economia brasileira – os economistas do FMI chegaram a considerar que a desaceleração das atividades produtivas dos BRICs (Brasil, China, Índia e Rússia) não seria tão intensa – 6,1% em 2009 contra 6,9% no ano passado. Os analistas do Fundo estimaram inclusive que o crescimento dos países em desenvolvimento – liderado pela forte economia chinesa – concentrava a esperança de alívio para o planeta.

De lá para cá, no entanto, as coisas mudaram. E muito. O próprio Fundo Monetário Internacional admitiu, no último mês de fevereiro, que a crise ficará pior antes de melhorar, não só na América Latina, mas no resto do mundo. De acordo com o diretor do departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, Nicolas Eyzaguirre,

Taking into account the predictions of the main worldwide financial institutions, analysts who base their expectations on economic indexes to estimate the global economy's future behavior haven't got it right so far. One by one, estimates made by organizations such as the traditional International Monetary Fund (IMF) – czar of the old worldwide financial order –, the World Bank (Bird), the InterAmerican Development Bank (IDB) and other institutions have been replaced by other projections that, invariably, reappraise the numbers related to industrial production, investments, employment rates and the population's expectations regarding the future.

A simple glimpse on the economic news of the most recent months indicates discrepancies among the several scenarios forming on the horizon. When the crisis bursted onto the American financial system and president Luís Inácio Lula da Silva used the expression “mild boat wake” – to define the effects it would cause to the Brazilian economy – IMF economists even considered that the slowdown of production activities in the BRIC countries (Brazil, China, India and Russia) would not be too harsh – 6.1% in 2009 against 6.9% last year. The Fund's analysts also estimated that the growth of developing countries – led by the strong Chinese economy – concentrated the planet's hope of relief.

Since then, however, things have changed. And greatly. The International Monetary Fund itself admitted, last February, that the crisis should get worse before it gets better; not only in Latin America, but throughout the world. According to the IMF Western Hemisphere department director, Nicolas Eyzaguirre, the organi-



o organismo estava revendo suas projeções de crescimento global para 2009, à época estimado em 0,5%. Já a vice-presidente do Bird para América Latina e Caribe, Pamela Cox, sublinhava, na mesma ocasião, que apesar da desaceleração do crescimento na região, “não há impacto nos sistemas financeiros, como aconteceu no Leste Europeu”.



zation would be reviewing its global growth projections for 2009, by then estimated in 0.5%. The World Bank vice-president for Latin America and the Caribbean, Pamela Cox, underscored, in the same occasion, that in spite of the region's growth slowdown, “there is no impact upon the financial systems, such as seen in the European East.”

Mudanças rápidas

A rapidez com que as previsões sobre crescimento econômico mudam é assustadora. A Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal), por exemplo, estimava, em outubro do ano passado, que a região cresceria 3% em 2009. No final de dezembro de 2008, no entanto, a expansão foi revista para 1,9%, a taxa mais baixa em seis anos. No mesmo “paper”, o organismo previa que o Brasil iria alcançar um crescimento da ordem de 2,1%. Um percentual auspicioso quando comparado com as mais recentes previsões da consultoria britânica Economist Intelligence Unit (EIU).

Ao divulgar sua nova projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, a instituição, que anteriormente previa crescimento de 1,6%, não só a reduziu como apontou uma queda de 0,5% na produção de todos os bens e serviços gerados ao longo de todo o ano em curso. Os dados foram prontamente rebatidos pelo ministro da Fazenda Guido Mantega. Segundo ele, as projeções pessimistas da consultoria inglesa refletiam inadvertidamente para o Brasil o que “está acontecendo nas economias americana e europeia, que estão tendo queda de PIB e da produção industrial”.

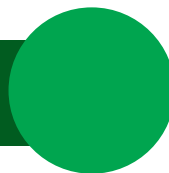
A exemplo do que vem acontecendo com os organismos internacionais, as previsões domésticas também não chegam a um acordo. A começar pelo

Rapid changes

The rapid pace at which the forecasts for economic growth have been changed is startling. The Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), for instance, estimated, in October last year, that the region would grow 3% in 2009. By the end of December 2008, however, the expansion was reset to 1.9%, the lowest rate in six years. In the same report, the agency predicted that Brazil would grow approximately 2.1%. An auspicious percentage if compared to the most recent forecasts made by British consulting firm Economist Intelligence Unit (EIU).

By disclosing its latest projection for the Brazilian Gross Domestic Product (GDP), the institution, which had previously predicted a 1.6% growth, not only reduced such percentage but also pointed out a 0.5% decrease in the production of all goods and services generated along the current year. The information was readily refuted by Finance minister Guido Mantega. According to him, the pessimistic projections of EIU inadvertently reflected to Brazil what “has been happening in the American and European economies, which have been facing decreases in GDP and industrial production.”

Following the example given by the international organizations, domestic forecasts don't seem to reach an agreement, either. The Gross



Produto Interno Bruto (PIB) – a principal medida da soma das riquezas de um país. As estimativas de crescimento da economia variam de zero a perto de três. Isso sem levar em conta que até bem pouco tempo atrás, o ministro Guido Mantega considerava a possibilidade de o Brasil crescer 4% em 2009. “Agora ficou difícil”- acabaria, no entanto, admitindo o ministro durante em entrevista coletiva no dia 10 de março.

Cenário indefinido

Outras projeções mais técnicas do que políticas davam conta – no final de dezembro do ano passado – que o País, na ótica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) iria experimentar uma “desaceleração” forte. A Carta de Conjuntura da instituição – tradicional documento que avalia a evolução da economia ao longo do ano – condicionava o tamanho da retração ao comportamento da economia no ano em que ainda não se iniciara.

De dezembro para cá, no entanto, muita coisa aconteceu. E a impressão que se tem, a cada dia que passa, é que muita água ainda vai passar por debaixo da ponte até a poeira assentar. Foi também na virada do ano que o jornalista Carlos Alberto Sardenberg – e não um economista – fez a previsão mais sensata sobre o que vai acontecer nos próximos anos. Ao traçar cenários futuros durante evento promovido pela Fetranpor, no Rio de Janeiro, o comentarista da TV Globo e Rádio CBN disse, a uma plateia de executivos do setor rodoviário, que “2010 seguramente vai ser um ano bom”. Até o fechamento desta edição do Anuário da Anfir, os indicadores econômicos e as projeções do primeiro trimestre de 2009 parecem confirmar o comentário de Sardenberg.

Seja porque a ordem financeira internacional esteja passando por uma transformação estrutural – e nesse caso as medidas tomadas não estão surtindo os efeitos desejados porque não são adequadas a uma situação nova – ou porque ainda não chegamos ao fundo do poço – outra ponderação muito usada pelos economistas – a verdade é que a equação formulada pelos analistas ainda não se revelou capaz de trazer à tona uma conclusão convincente. Resta aguardar se a demanda interna, a diminuição da taxa de juros, os programas sociais do governo e as obras do PAC serão capazes de se contrapor aos efeitos da recessão econômica que se desenha nos países desenvolvidos e na emergente China. ●

Domestic Product (GDP) – main measure of the total wealth of a country – is a good example. Estimates on economic growth vary from zero to approximately three percent. Not to mention that, until not so long ago, minister Guido Mantega considered possible for Brazil to grow 4% in 2009. “It is improbable now”- he would end up admitting during a press conference on March 10.

A vague scenario

Other more technical than political projections realized – in the end of December, last year – that the country, as portrayed by the Institute of Applied Economic Research (IPEA), would experience steep slowdown. The institution’s Conjuncture Letter – traditional report which analyzes the economy’s evolution along the year – linked the intensity of the retraction to the economy’s behavior in the year that was yet to begin.

From December to now, however, much has happened. And there is a general feeling – growing more and more each day – that much is still ahead until things calm down again. In the passing of 2008 to 2009, journalist Carlos Alberto Sardenberg – and not an economist – made a more down-to-earth forecast about what is to happen in the next years. When drawing future scenarios during an event promoted by Fetranpor, in Rio de Janeiro, the professional from TV Globo and Rádio CBN said, to an audience of executives from the roadway sector, that “2010 will certainly be a good year.” Up to the date of this edition of the Anfir Yearbook, all economic indexes and projections pertaining this year’s first quarter seem to be in accordance with Sardenberg’s comment.

Be it because the international financial order is going through times of structural change – in which case the measures taken cannot come into effect for being inadequate to a novel situation – or because we haven’t reached the bottom of the crisis yet – also a thought in the mind of economists –, the truth is that the equation proposed by analysts did not prove itself capable of pointing out convincing conclusions. What we can do now is wait and see if the domestic demand, the decrease of interest rates, the government’s social programs and works included in the Growth Acceleration Plan (PAC) will be capable of balancing the effects of the economic recession felt in developed countries and the emerging China. ●